



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO
ÁREA: JORNALISMO ESPORTIVO

BASQUETEBOL COMO FERRAMENTA SOCIAL E EDUCACIONAL: ANÁLISE DA COBERTURA DO MUNDIAL MASCULINO DE BASQUETE FEITA PELO CORREIO BRAZILIENSE

Vagner Santos de Vargas
RA: 2031416/5

Brasília, novembro de 2006

Vagner Santos de Vargas

**BASQUETEBOL COMO FERRAMENTA SOCIAL E
EDUCACIONAL: ANÁLISE DA COBERTURA DO
MUNDIAL MASCULINO DE BASQUETE FEITA
PELO CORREIO BRAZILIENSE**

Trabalho ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília
Orientador: Prof. MsC Severino Francisco da Silva Filho

Brasília, novembro de 2006

Vagner Santos de Vargas

**BASQUETEBOL COMO FERRAMENTA SOCIAL E
EDUCACIONAL: ANÁLISE DA COBERTURA DO
MUNDIAL MASCULINO DE BASQUETE FEITA
PELO CORREIO BRAZILIENSE**

Trabalho ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco da Silva Filho
Orientador

Prof. Alberto Lima
Examinador

Prof. Marcelo Moura
Examinador

Brasília, novembro de 2006

RESUMO

A monografia trata primeiramente do surgimento do basquetebol, com o intuito de introduzir o assunto. Em seguida, são abordados educação e jornalismo e a relação destes temas com o basquetebol atual. Por fim é feita uma análise da cobertura realizada pelo jornal Correio Braziliense sobre o Campeonato Mundial de Basquete, realizado entre 18 de agosto e 3 de setembro, no Japão.

Palavras-chave:

Basquete, Jornalismo Esportivo, Jornalismo, Educação.

INTRODUÇÃO

O basquetebol é um esporte de massa, praticado em todo mundo por mais de 300 milhões de pessoas, de acordo com a Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB). Ainda assim, a modalidade briga para ter maior espaço na mídia. No Brasil, o basquete já esteve em evidência, principalmente na era Oscar Schmidt, considerado até hoje o maior jogador brasileiro da história.

Após a aposentadoria do ídolo Oscar, o basquete brasileiro, tanto na mídia como nos resultados de campeonatos, tomou um rumo inesperado, sem brilho e sem ídolos. Já são oito anos sem disputar Jogos Olímpicos, péssimos resultados nas outras fortes competições internacionais e o vexame do campeonato nacional, que sequer teve fim em 2006.

O objetivo deste trabalho é reconstituir a trajetória do esporte, principalmente no Brasil, e também expor os lados positivos do basquetebol, que parecem ser esquecidos em momentos de crise. Além da história do esporte, são tratados temas de cunho social e educacional, além de uma análise de cobertura jornalística realizada em cima do Mundial da modalidade, uma das competições mais importantes disputadas entre países do mundo inteiro.

O primeiro capítulo fala do nascimento do esporte nos Estados Unidos e de seu desenvolvimento ao longo dos anos. A chegada do basquete no Brasil também é discutida, até chegarmos nos dias atuais.

Em seguida são discutidos aspectos de fundamental importância para a sociedade. O basquete, e outros esportes, são exemplos para o mundo inteiro nos Estados Unidos. Lá são realizados vários programas educacionais nas escolas e universidades que permitem que os esportistas não evoluam apenas no esporte, mas também na vida. A educação e o esporte estão completamente vinculados. Este trabalho, além de descobrir e formar um número muito maior de atletas, combate a marginalização e permite a formação de uma sociedade com um poder intelectual muito mais elevado. O segundo capítulo fala destes exemplos e da falta deles em um país grande como o Brasil.

A terceira parte do trabalho discute a presença do basquetebol nos meios de comunicação. Como o esporte perdeu espaço para outras modalidades e também é discutido o que é preciso para ser um bom profissional para cobrir basquetebol no Brasil.

Por fim, é feita uma análise da cobertura realizada pelo Correio Braziliense durante o Mundial masculino de Basquete, disputado no Japão em 2006. As matérias são analisadas e comparadas com outras publicadas durante o mesmo período de tempo.

A metodologia utilizada para elaborar o trabalho foi principalmente a pesquisa bibliográfica, utilizando autores com conhecimento não só sobre o esporte, mas sobre as demais esferas que envolvem o basquete. Também foram realizadas entrevistas com jornalistas da área, que trabalham diariamente com a modalidade e que possuem profundo conhecimento sobre o que acontece no esporte em âmbito nacional e internacional. Para a análise da notícia no último capítulo, foi feita uma pesquisa no caderno de esporte do Correio entre os dias 18 de agosto e 3 de setembro.

SUMÁRIO

RESUMO	4
1. Surgimento do Basquetebol	8
1.1 - História	8
1.2 – Basquetebol no Brasil	9
2. Esporte, educação e sociedade	12
2.1 – Formação do atleta.....	12
2.1.2 – Base do esporte no Brasil.....	13
2.2 – Relação esporte/sociedade.....	15
2.3 – Basquetebol e educação.....	18
3. Jornalismo e basquetebol.....	20
3.1 – Espaço do basquete na mídia.....	20
3.1.2 – Basquete na televisão	20
3.1.3 – Basquete na internet	22
3.1.4 – TVs online	23
3.2 – O jornalista esportivo no basquete	24
4. Análise: cobertura do Mundial Masculino de Basquete feita pelo Correio Braziliense.....	26
4.1 – A competição	26
4.1.1 – Apresentação do Mundial.....	26
4.2 – Análise quantitativa do material publicado	27
4.2.1 – Números da cobertura	27
4.2.2 – Domínio do futebol.....	27
4.2.3 – Detalhamento das matérias publicadas	28
4.3 – Análise qualitativa do material	30
5. CONCLUSÃO.....	32
6. REFERÊNCIAS.....	33
7. Anexos	34
7.1 – Anexo A	34
7.2 – Anexo B	38
7.3 - Anexo C	42

1. Surgimento do Basquetebol

1.1 - História

Por encomenda. Assim surgiu o Basquetebol nos Estados Unidos, no ano de 1891, em Massachussets. O professor James Naismith, da *YMCA*, ouviu as reclamações do diretor da *Springfield College*, Luther Hasley Gullick, de que os alunos estavam entediados com a chegada do inverno (o que impossibilitava a prática do rugby e do beisebol, esportes mais praticados na época). Forçados a permanecer trancados em um ginásio praticando ginástica, os alunos reclamaram e acabaram atendidos.

O diretor Gullick solicitou a Naismith que criasse um esporte que pudesse ser praticado durante o inverno em ambiente fechado. Foi aí que o basquete começou a dar os primeiros passos. A principal preocupação do professor e do diretor era que o jogo não fosse violento. Pensando nisso, Naismith pôs-se a imaginar que tipo de jogo poderia criar, que, dentre outras modalidades, pudesse ser motivante, e que não provocasse muito contato físico, além de possuir um sentido coletivo. (COUTINHO, 2001, p. 17).

A partir destes pressupostos, ele pediu a um funcionário da *YMCA* que arranjasse duas caixas com aproximadamente 45 centímetros de diâmetro. Enquanto isso, o próprio Naismith pegou uma câmara de uma bola de futebol, que viria a ser utilizada na partida. Como o funcionário não achou as caixas, lhe foi arrumado dois cestos velhos de colher pêssego, que o professor pediu para serem pendurados a uma altura de 3,05m em cada extremidade da galeria. (COUTINHO, 2001, p. 17). Depois de tomar as primeiras providências, o idealizador do jogo reuniu os 18 alunos de sua classe e os dividiu em dois times, com nove para cada lado.

O próximo passo era explicar as regras do novo esporte aos jogadores. O professor fixou nos murais do ginásio um papel contendo as 13 regras criadas por ele. (CONFEDERAÇÃO, 2006). Depois da divisão, Naismith escolheu dois

capitães e os fez formar as duas primeiras equipes de basquetebol. Em seguida, chamou os dois jogadores mais altos e jogou a bola para o alto pela primeira vez na história do basquetebol. A primeira partida foi um sucesso entre os atletas, “o maior problema deste primeiro jogo foi fazer com que os alunos parassem de jogá-lo”. (COUTINHO, 2001, p. 18).

Depois de aprovado pela direção do *Springfield College*, o basquete viu seu primeiro jogo ser disputado entre alunos e professores da instituição, em 1892. De acordo com dados da Confederação Brasileira de Basquete, os vencedores foram os alunos, que marcaram 5 x 1 no placar. Antes da chegada do século XX, as tabelas e os aros metálicos já haviam sido criados e instalados no esporte. Outro fato importante, que persiste até hoje, veio em 1897, quando foi definido que o basquete seria disputado por duas equipes com cinco jogadores em cada lado. (COUTINHO, 2001, p. 18).

O momento de maior glória para James Naismith veio em 1936, ano em que o basquete foi oficialmente introduzido nos Jogos Olímpicos de Berlim. Naquela ocasião, “ele lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas”. (NBA, 2006).

Hoje em dia, de acordo com dados divulgados no site da Confederação Brasileira de Basquete, o esporte é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 países filiados à FIBA. (CONFEDERAÇÃO, 2006)

1.2 – Basquetebol no Brasil

Sobre a chegada do basquete no país, Coutinho conta que “O Brasil foi o quinto país no mundo e o primeiro na América do Sul a conhecer o basquetebol, através da chegada do professor Auguste Shaw no Colégio Mackenzie de São Paulo. Vindo dos Estados Unidos, ele trouxe uma bola (já oficial do esporte), o que ensejou a prática do esporte no referido colégio”. (2001, p. 18).

Quando o professor Shaw chegou ao Brasil em 1894 trazendo na bagagem o basquete, o esporte logo chamou a atenção das mulheres. Este fato acabou retardando o interesse dos homens no esporte, que eram “movidos

pelo forte machismo da época”. (CONFEDERAÇÃO, 2006). Além disso, o futebol havia acabado de se tornar a grande febre entre os rapazes brasileiros, prejudicando ainda mais a difusão do novo esporte.

Insistente, o professor norte-americano acabou conseguindo convencer os homens de que o basquete não era um jogo de mulheres, formando assim a primeira equipe masculina do esporte no Brasil, em 1896. Shaw deu o primeiro passo e introduziu o esporte, mas outros dois homens ajudaram na aceitação nacional do basquete. Foram eles o professor Oscar Thompson, da Escola Nacional de São Paulo, e Henry J. Sims, diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro. (CONFEDERAÇÃO, 2006).

Em 1912, no ginásio da rua da Quitanda nº 47, no centro do Rio de Janeiro, aconteceram os primeiros torneios de basquete. Em 1913, quando da visita da seleção chilena de futebol a convite do América Futebol Clube, seus integrantes, membros da ACM de Santiago, passaram a freqüentar o ginásio da rua da Quitanda. Henry Sims convenceu os dirigentes do América a introduzir o basquete no clube da rua Campos Salles, no bairro da Tijuca. Para animá-los, arranhou um jogo contra os chilenos oferecendo uma equipe da ACM, com o uniforme do América que triunfou pelo curioso score de 5 a 4. O plano vingou e o América foi o primeiro clube carioca a adotar o basquete.

As primeiras regras em português foram traduzidas em 1915. Nesse ano a ACM realizou o primeiro torneio da América do Sul, com a participação de seis equipes. O sucesso foi tão grande que a Liga Metropolitana de Sports Athléticos, responsável pelos esportes terrestres no Rio de Janeiro, resolveu adotar o basquete em 1916. O primeiro campeonato oficializado pela Liga foi em 1919, com a vitória do Flamengo. (CONFEDERAÇÃO, 2006).

A partir daí, o basquete começou a evoluir em um ritmo mais rápido. Em 1922, a seleção brasileira foi convocada pela primeira vez para disputar um torneio continental contra as seleções da Argentina e do Uruguai. Na ocasião, o Brasil se sagrou campeão. Oito anos depois, em Montevideú, Uruguai, aconteceu o primeiro Campeonato Sul-Americano de Basquete. Coutinho (2001, p. 18) conta que, em 1933,

surgiu a Federação Brasileira de Basquete, substituída em 1941 pela atual Confederação Brasileira de Basquete.

O Brasil chegou ao auge no esporte nos anos de 1959 e 1963, quando foi bi-campeão mundial masculino da modalidade, em Santiago, no Chile, e no Rio de Janeiro, respectivamente. Já as mulheres brasileiras possuem títulos expressivos mais recentes. Conquistaram o campeonato mundial em 1994, e o vice-campeonato Olímpico dois anos depois, em Atlanta, nos Estados Unidos. (COUTINHO, 2001, p. 19).

Atualmente, a seleção masculina não tem apresentado resultados satisfatórios. Desde 1996 a equipe brasileira não consegue se classificar para uma Olimpíada, e teve agora, em 2006, a pior participação da história do país no Mundial da FIBA, ficando apenas em 17º lugar, empatado com o Líbano, país que não tem tradição alguma no esporte e que ainda por cima vive situação conturbada no cenário político e social.

2. Esporte, educação e sociedade

2.1 – Formação do atleta

A base do esporte brasileiro, em geral, não só no basquete, está sucateada. Propostas e projetos de lei para incentivar os jovens no esporte foram prometidos, mas nunca chegaram a ser implementados. Os resultados pífios apresentados pelo Brasil nos últimos jogos olímpicos refletem a falta de preparação dos atletas, que, em geral, não tiveram as condições necessárias para treinar enquanto ainda eram jovens. Talentos surgem, não por oportunidades proporcionadas enquanto ainda são novos, mas por puro esforço próprio. É comum assistirmos na TV casos de atletas que não possuem patrocínio, treinam em condições precárias e, mesmo assim, conseguem destaque em competições importantes.

Se a base do esporte está prejudicada, isto acaba afetando também a formação educacional dos jovens. Um atleta não é formado somente por sua capacidade física e atlética, a base social é tão importante quanto a esportiva.

Estudos da área de Educação da Unesco indicam que as políticas públicas de esporte resultam na melhoria do aprendizado escolar e na redução de visitas das crianças e adolescentes a hospitais e postos de saúde, ou seja, caem significativamente os gastos governamentais nesse sentido. (CRUZ, 2005, p. 117)

Mesmo com a importância comprovada da formação do atleta desde cedo, faço a mesma pergunta que José Cruz (2005): “Por que ainda falta uma política para o esporte que inclua a formação de atletas?”.

O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, parece estar ciente da situação precária da base do esporte, mas ainda não foram vistas ações governamentais amplamente favoráveis ao esporte. Estas foram as palavras do presidente, citadas por José Cruz (2005):

Temos um potencial extraordinário (de atletas) que está quase incubado. Desponta, de vez em quando, uma belíssima seleção de basquete brasileira, de outra vez desponta uma grande seleção de vôlei, de outra vez um grande nadador. Mas o que nós percebemos é que o nosso potencial é infinitamente maior. E o papel do Ministério do Esporte é tentar organizar tudo isso para fazer desabrochar não apenas uma rosa ou duas rosas, mas fazer desabrochar, quem sabe, milhares de rosas neste país, para que a gente tenha no esporte a dimensão que o povo brasileiro já dá. (CRUZ, 2005)

2.1.2 – Base do esporte no Brasil

Se o presidente do Brasil sabe o potencial que o país tem no esporte, por que não explorá-lo de uma maneira inteligente? Este trabalho poderia ser iniciado já na Escola Fundamental. Além disso, o pouco trabalho que é realizado nas escolas, por exemplo, não é efetuado de uma maneira correta. Utilizando o conceito de esporte-educação como uma das três dimensões sociais do esporte de Manoel José Gomes Tubino, podemos visualizar a questão.

O principal equívoco histórico do entendimento do esporte-educação é a sua percepção como um ramo do esporte-performance, ou de rendimento. Nesta percepção equivocada, as competições escolares, que deveriam ter um sentido educativo, em vez disto, simplesmente reproduzem as competições de alto nível, com todas as suas características, inclusive com seus vícios, deformando qualquer conceito de educação. (TUBINO, 2001, p. 35)

Este pensamento também é ratificado por Valdomiro de Oliveira e Roberto Rodrigues Paes, do Departamento de Ciências do Esporte da Unicamp, que realizaram um estudo sobre o processo de desenvolvimento do talento no basquetebol.

O basquetebol é um jogo coletivo que desde sua criação, em 1891, até os dias atuais evoluiu de forma espetacular, porém trás consigo problemas sérios, como por exemplo o excesso de competições nas fases infantis, podendo-se atribuir a esse fato uma das causas do abandono das crianças e adolescentes antes do tempo esperado. (OLIVEIRA, V.; PAES, R.P. 2003)

Ou seja, o pouco que existe para formar novos atletas é feito da maneira equivocada, o que acaba levando o jovem a abandonar a prática do basquete, no caso, por outra modalidade. A prioridade nestas competições escolares é a mesma que nas competições profissionais: o resultado é o mais importante. A questão educativa, que deveria ser a mais explorada neste caso, é praticamente deixada de lado. “É oportuno destacar que não se pode confundir atividades físicas na escola com esporte de rendimento. Cada uma tem o seu espaço, os seus objetivos, o seu tempo.” (CRUZ, 2005, p. 121).

Este ‘pequeno’ problema acaba se refletindo no esporte brasileiro em geral. A cada ano escolar desaparecem, naturalmente, na transição de suas faixas etárias, milhares de pontencialidades que sequer tiveram as suas aptidões avaliadas. Estes são os talentos incubados a que se referiu o presidente Lula, que infelizmente nunca chegam a sair destes cubos. (CRUZ, 2005, p. 122).

O desperdício deste talento é visível até entre eles mesmos. Um exemplo recente é o de Adonis Sousa, uma grande promessa do basquetebol brasileiro, que se naturalizou grego, tamanha a desorganização das categorias de base do esporte nacional.

Com apenas 14 anos, ele assinou contrato com uma das grandes forças do basquete grego e já vestiu a camisa da seleção da Grécia nas categorias de base, ou seja, não pode mais defender a seleção brasileira no futuro. Fábio Balassiano, jornalista especializado em basquetebol, também credita ao terrível trabalho de base a debandada de atletas.

É evidente que um circuito de base sucateado traz malefícios ao basquete profissional brasileiro. O péssimo trabalho feito nas divisões de base

mina a capacidade produtora de talentos sim, mas não pode ser visto como desculpa para a não formação digna daqueles que ainda assim lutam e optam pela modalidade. Na verdade é um círculo vicioso. As divisões de base passam por problemas, formam mal os atletas, que chegam às divisões de cima com problemas estruturais que não são corrigidos nem administrados pelos seus respectivos treinadores. Como a Confederação não possui um corpo diretivo técnico, que seria capaz de resolver a estas questões básicas, fica um tanto quanto difícil a resolução deste e de outros problemas mais graves. (BALASSIANO. 2006)¹

Além de clubes fechando as portas, falta de patrocínio, e outros problemas citados, o Brasil ainda perde seus talentos para outros países, que já possuem força reconhecida no cenário mundial.

O jornalista Rodrigo Alves acredita que a renovação do basquete brasileiro está sendo feita graças ao intercâmbio dos jovens com outros países.

O investimento na base é quase zero, tanto nas federações quanto nos clubes. Com isso, a renovação só acontece porque os jogadores saem ainda jovens para jogar no exterior. Veja o caso do Tiago Splitter, nosso melhor atleta no Mundial. O Brasil não tem nenhum mérito na formação desse garoto. Ele foi para a Espanha com 15 anos, aprendeu tudo lá. Cria-se, então, uma bola de neve: sem bons valores na base, os campeonatos ficam enfraquecidos e a renovação nas seleções fica mais difícil. Com campeonatos mais fracos e seleções capengas, cai o interesse, cai a receita, investe-se menos na base. É um ciclo nocivo que precisa ser interrompido o quanto antes. (ALVES, 2006)²

2.2 – Relação esporte/sociedade

Como diz Manoel Tubino (2001, p. 57), “o esporte é um fenômeno social que atingiu níveis muito complexos de desenvolvimento nas diversas sociedades”. O basquete, da geração de Rosa Branca e Wlamir Marques, por exemplo,

¹ Entrevista concedida ao autor pelo jornalista Fábio Balassiano, em agosto de 2006

² Entrevista concedida ao autor pelo jornalista Rodrigo Alves, em setembro de 2006

marcou época com os dois títulos mundiais conquistados na década de 60. Um exemplo mais recente é a geração de Oscar, que ficou impressa na lembrança dos brasileiros pela vitória sobre a incrível seleção norte-americana na final dos Jogos Pan-americanos de Indianápolis, em 1987.

Estes feitos engrandecem a memória do basquetebol brasileiro, mas a realidade não condiz com eles. Atualmente, o basquete é, no máximo, o terceiro esporte preferido entre os brasileiros. O futebol, que sempre foi e sempre será o número um, é um caso a parte, já que mesmo fracassando nas maiores competições, não perde a simpatia do povo.

O vôlei é o exemplo recente do que foi o basquete no passado. Com um bom trabalho de base e uma administração decente, o esporte hoje é o número dois na preferência nacional. Tanto homens quanto mulheres se encontram no topo do ranking no esporte, e isto chama a atenção dos brasileiros.

O vôlei conquistou seu espaço e colhe os frutos do sucesso. As categorias de base estão bem encaminhadas, as próximas gerações têm tudo para continuar trilhando o mesmo caminho de vitórias. Isso atrai investimento, patrocínio, que atrai os jovens para a prática do esporte. No fim, um passo certo acaba gerando um ciclo que é ótimo para o esporte em todos os aspectos. O ídolo maior do basquete brasileiro, Oscar Schmidt, em entrevista ao site Databasket (www.databasket.com), mostra que está ciente das dificuldades do basquete no Brasil e dá a receita para o esporte sair da situação em que se encontra.

A nossa seleção indo mal, não existe investimento, não temos jogadores na base, a maioria parte para o vôlei e deixa de jogar basquete. Para se ter uma mudança radical, primeiro temos que assumir que somos inferiores. Não adianta usar a pesquisa que a FIBA (Federação Internacional de Basquetebol) bota o Brasil entre os quatro primeiros da história, que é museu. Hoje, somos inferiores notoriamente na parte técnica. Primeiro, temos que assumir isso. Não venha me falar que estamos no caminho certo, porque não estamos! (SCHMIDT, 2006)

Um exemplo de quem não soube explorar devidamente o sucesso foi o tênis. Com a explosão de Gustavo Kuerten nas quadras do mundo inteiro, o esporte rapidamente conquistou novos adeptos e mais destaque na mídia. Porém, o que se viu a seguir foi a queda de rendimento de Guga devido a sérias lesões, e com ele, a popularidade do tênis. Não foi feito um trabalho forte nas categorias de base do tênis como ocorreu no vôlei, por exemplo. Os jovens tenistas continuaram sem patrocínio, disputando pouquíssimos torneios interestaduais e praticamente não adquirindo experiência. A não ser os poucos casos de atletas que têm condições de bancar as próprias viagens e equipamentos, que são muito poucos dentro de qualquer esporte no Brasil.

O resultado desta má administração foi a não evolução do tênis brasileiro. Depois de Guga, nenhum outro brasileiro apareceu no circuito profissional com grande destaque, os que conseguiram algum resultado um pouco mais expressivo, logo sumiram. A base continua com os mesmos problemas e as chances de aparecer outro fenômeno são pequenas.

Fábio Balassiano mostra desconfiança em uma mudança na base do esporte brasileiro em geral, não apenas do basquetebol.

Não acredito, sinceramente, em um projeto de massificação esportiva no Brasil. Sempre citamos o exemplo norte-americano, o cubano, agora pode-se falar do espanhol, que alcança um sucesso incrível, mas tudo isso passa pela vontade política dos governantes e pela iniciativa de nossas confederações e da população de um modo geral. Como nenhum dos casos ocorre, a situação do esporte brasileiro tende a ficar na mesma. Vivendo de expoentes esporádicos, como Gustavo Kuerten no tênis, Daiane dos Santos na ginástica, Leandrinho e Nenê no basquete e por aí vai. Isto porque a famosa tríade educação-esporte-saúde jamais saiu do papel no Brasil. (BALASSIANO, 2006).

Ele ainda acrescenta que, “copiar o modelo norte-americano seria o mais sensato, no entanto, o mais utópico”. (BALASSIANO).

2.3 – Basquetebol e educação

Sem oportunidades no Brasil, uma das principais alternativas para os jogadores de basquete é a liga universitária dos Estados Unidos, a *NCAA (National College Athletic Association)*. O projeto esportivo entre as universidades não se restringe a apenas um esporte. Existem ligas nacionais de basquete, futebol americano, beisebol, tênis, entre outros.

No caso do basquetebol, só a primeira divisão da *NCAA* conta com mais de 300 universidades. Os atletas selecionados ganham bolsas para estudar e jogar, são os chamados estudantes-atletas.

Um dos fatores mais importantes, se não o mais, é a formação acadêmica dos atletas. Apesar de a *NCAA* ser um vestibular para o basquete profissional, aqueles que não conseguem seguir carreira no esporte, saem da universidade formados, podendo trabalhar na área em que se graduou. Acima de tudo, o programa não forma apenas jogadores, forma cidadãos.

O exemplo mais recente de um jogador brasileiro que jogou a *NCAA* é João Paulo Batista, ou J.P. Batista, como era conhecido por lá. Depois de quatro anos jogando pela universidade de Gonzaga e formado em gerenciamento esportivo, ele não coquistou uma vaga na NBA, mas conseguiu um contrato com o atual campeão de basquete da Lituânia, uma das maiores forças da modalidade na Europa. Tudo por causa da excelente performance no basquete universitário. Batista foi um dos principais jogadores de Gonzaga, que teve uma excelente campanha no último ano do jogador antes de se tornar profissional, em 2006.

Outro jogador brasileiro que trilhou o mesmo caminho e conseguiu chegar à NBA é Rafael Araújo, conhecido nos EUA como Baby. Após se destacar na universidade BYU, ele foi selecionado para jogar na liga profissional norte-americana em 2004, onde está até hoje, atualmente na equipe do Utah Jazz.

Implementar um sistema como a *NCAA* no Brasil, aos olhos de Fábio Balassiano, não daria certo no Brasil por questões sociais e econômicas. Para ele, o primeiro passo deve ser o sucesso do Brasil em competições internacionais. “A salvação do basquete brasileiro começa pela obtenção de resultados fortes

internacionalmente, pelo fortalecimento de uma liga gerida pelos clubes e por um circuito de base alicerçado pela CBB”. (2006).

Ele também elogia o modelo da NCAA, mas acredita que é preciso muito mais do que apenas vontade para fazer algo parecido no Brasil. “O modelo da NCAA é sensacional, brilhante, mas passa por toda uma conscientização político, econômica e social dos Estados Unidos”. (2006).

Apesar de achar o modelo norte-americano muito bom, a maioria dos jornalistas especializados em basquetebol acha difícil que o Brasil possa implementar algo parecido no país. É o caso de Melchíades Filho, ex-editor de esportes da Folha de São Paulo. Para ele, tanto o modelo no ensino médio e fundamental quanto nas universidades não seria viável no Brasil.

Um projeto como esse demandaria revolucionar a estrutura universitária do país. As faculdades públicas estão arruinadas, e as particulares só têm compromisso com a tesouraria. Lembre que nos EUA há uma grande ligação comunitária/urbana da faculdade com a cidade/Estado em que está o campus. No Brasil, essa relação inexistente. (FILHO, 2006³)

³ Entrevista concedida ao autor pelo jornalista Melchíades Filho, em setembro de 2006

3. Jornalismo e basquetebol

3.1 – Espaço do basquete na mídia

Como já foi dito anteriormente, o basquete na atualidade não é um dos esportes mais prestigiados pelo público brasileiro, e conseqüentemente, pelos veículos de comunicação, que preferem preencher os espaços de seus cadernos e programas de esporte com futebol, vôlei e outros que estão em evidência no momento.

E é justamente o momento que prejudica o basquete. O Campeonato Nacional de 2006, por exemplo, está na justiça, sem um campeão definido. A seleção masculina teve seu pior desempenho no Mundial da modalidade em agosto, o que parecia ser esperado, já que a poderosa Rede Globo nem se deu ao trabalho de transmitir os jogos da seleção, mesmo com jogos de madrugada, devido ao fuso horário entre Japão e Brasil.

Já o Mundial Feminino, que aconteceu em São Paulo, recebeu mais atenção da maior emissora brasileira. Todas as partidas da seleção do Brasil foram transmitidas, com direito a Galvão Bueno narrando e Hortência comentando. Isto se deve ao fato da força das meninas, que formam uma das melhores seleções do mundo. Campeãs do mundo em 1994, elas conseguiram chamar mais a atenção da mídia e cavar seu espaço, não apenas na Globo, mas na mídia em geral.

3.1.2 – Basquete na televisão

Desde que a televisão chegou, os esportes em geral não foram mais os mesmos. Foram transformados em espetáculos para os telespectadores e em negócios para as emissoras, criou-se uma ligação entre esporte e televisão muito forte.

Como disse Mario Betti (1998), “já não é possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa”. E no basquetebol não é diferente.

Desde 1950, quando os esportes se tornaram parte da programação regular das redes de TV, o relacionamento entre as duas partes se transformou. Foi criado um elo, uma dependência, principalmente econômica. Tanto o esporte passou a depender da TV quanto a TV passou a depender do esporte. Essa relação acabou fazendo com que um apoiasse o outro, para que ambos pudessem se sustentar. (Betti, 1998). Desta maneira começou a aparecer o que é conhecido como esporte-espetáculo.

A TV por assinatura também teve seus grandes momentos transmitindo a liga norte-americana de basquete. Canais como TNT, ESPN e PSN, por exemplo, disponibilizavam a transmissão toda semana. Mas o público não era grande, como não seria hoje, tendo em vista que as TVs por assinatura são um luxo para poucos no país. Os assinantes não chegam a 4 milhões, em um país com 180 milhões de habitantes. Até por isso, a NBA não durou muito tempo nestes canais, exceto na ESPN, que aos trancos e barrancos, segue transmitindo uma ou outra partida da NBA. (COELHO, 2004)

No início da década de 90 o basquete, mais especificamente a liga norte-americana, a NBA, era o maior espetáculo da modalidade. Na época, a TV Bandeirantes transmitia as partidas para todo o Brasil. Isto acontecia porque dava resultado, trazia benefícios, audiência. Ou seja, a relação de dependência funcionava para os dois lados: a empresa, no caso a Bandeirantes, tinha retorno, e o esporte, no caso o basquete, também, conquistando mais fãs e por conseqüência, adeptos do esporte.

Outra beneficiada com este sucesso era a própria NBA, que passou a vender mais produtos licenciados para o Brasil. Mauro Betti explica esta relação da seguinte forma:

A televisão, além de estimular o consumo de produtos esportivos (vestuário, equipamentos etc.), utilizando o esporte como conteúdo ou associando-o a

outros produtos por meio do anúncio publicitário, tornou o próprio telespetáculo esportivo um produto de consumo comparável às telenovelas e aos programas de auditório. (BETTI, 1998, p. 36)

Ao longo da década de 90, esta 'comercialização' da NBA foi ficando tão forte que acabou afastando o público. Com isso, foi perdendo espaço na TV aberta. A partir do ano 2000, só piorou. Jogos só eram transmitidos em canais fechados, e piorou ainda mais. Hoje em dia, os brasileiros que querem assistir jogos da maior liga de basquete do mundo recorrem a TVs on-line piratas, e, uma, no máximo duas vezes por semana, à TV a cabo. A NBA só não está extinta no Brasil por causa do grande esforço do pequeno, porém fiel, público, que apesar de todas as adversidades, continua se virando para poder assistir às partidas. Alguns fãs chegam a ouvir as partidas por meio de rádios que oferecem a transmissão pela internet, tudo em inglês. Agora, e quanto a aqueles amantes do basquete que vivem no subúrbio, não têm acesso à internet nem à TV acabo e nem sonham em falar inglês?

3.1.3 – Basquete na internet

Com o fim das transmissões em TVs abertas e o forte crescimento da internet no mundo inteiro, esta última se tornou uma ferramenta indispensável para os fãs do basquete internacional, tanto a NBA quanto os fortes campeonatos europeus. Os internautas passaram a encontrar na internet uma forma não tão boa quanto a televisão, mas que supre, pelo menos, o desejo de acompanhar de perto o que acontece no mundo do basquetebol.

Um recurso muito utilizado pelos fãs do basquete são as estatísticas ao vivo, disponibilizadas por sites especializados em esporte, como ESPN e a própria NBA. Além destes, portais como Yahoo também disponibilizam o serviço de estatísticas ao vivo em suas páginas dedicadas ao basquete.

Na Europa, cada liga nacional tem o seu próprio site, e as maiores ligas de basquete, como a espanhola e a italiana, por exemplo, também possuem o serviço de estatísticas em tempo real.

No campeonato brasileiro o serviço também existe, mas em termos de tecnologia e atualização, não chega nem perto do que é encontrado nas maiores ligas do mundo do esporte.

No site Draft Brasil (www.draftbrasil.net), que conta com a maior comunidade brasileira de fãs de basquetebol, os usuários têm a disposição um fórum de discussões, que é bastante utilizado pelos quase 2.500 usuários para trocar informações sobre tudo que envolve o mundo do basquete mundial. Lá é possível encontrar *links* para fazer *downloads* de jogos da NBA, da liga universitária norte-americana, do basquete europeu e outros. Além de trocar informações com usuários de toda parte do Brasil.

Aliás, esta é outra opção encontrada pelos fãs da NBA: o *download* de partidas que já aconteceram. Principalmente via *torrent*, que são programas que compartilham os mais variados arquivos, dentre eles jogos de basquete. Geralmente as partidas são disponibilizadas no dia seguinte ao que acontecem.

3.1.4 – TVs online

As TVs online são hoje o maior trunfo dos fãs da NBA. Sejam piratas ou pagas. Como já foi citado, o site Globo.com disponibilizou a segunda metade da temporada 2005-06 da NBA e irá transmitir desde o início da temporada 2006-07. Além disso, existem programas espalhados na internet que transmitem a programação de canais de todo o mundo pela rede. É possível assistir jogos da NBA por canais chineses, pela ESPN norte-americana e até mesmo pela NBA TV, que só é disponibilizada nos Estados Unidos.

Além disso, este tipo de 'serviço' acaba sendo a única opção para certas partidas. Um exemplo recente foram as finais da temporada 2005-06. Sem transmissão na televisão, nem mesmo fechada, as únicas maneiras do brasileiro assistir os jogos foram a Globo.com e as TVs on-line piratas.

A própria NBA, através da página www.nba.com está, aos poucos, oferecendo transmissões ao vivo das partidas. Basta pagar um determinado valor e ter acesso aos jogos. Mas o serviço ainda não está disponível para o público brasileiro.

3.2 – O jornalista esportivo no basquete

No Brasil, as editorias de esporte dos veículos de comunicação poderiam tranquilamente ser chamadas de editorias de futebol. O esporte nacional, como é conhecido por aqui, toma conta da maior parte dos jornalistas que trabalham nesta área do jornalismo por aqui. Mas e os outros esportes? Paulo Vinicius Coelho, jornalista esportivo renomado, considera que os demais esportes, incluindo o basquete, possuem uma vantagem. Segundo ele, é comum ver jornalistas que cobrem futebol se acharem maiores e mais importantes do que a própria notícia, tudo por causa da visibilidade e importância do futebol para os brasileiros. Em outros esportes, isto é mais difícil acontecer. (2004, p. 48).

Apesar do menor espaço que os veículos de comunicação brasileira oferecem para esportes como o basquete, é preciso se especializar e entender do esporte para ser bem sucedido.

Em esportes como basquete e vôlei, a especialização é mais simples. Os atletas carecem de divulgação e muitas vezes ajudam aos que chegam aos ginásios com a finalidade de aprimorar-se. Em pouco tempo, o repórter ganha respeitabilidade, menos pelo conhecimento técnico de que dispõe e mais pelo reconhecimento dos atletas pelo fato de ele estar lá, disposto a aperfeiçoar-se. Uma legião de grandes jornalistas se formou assim (COELHO, 2004, p. 49).

O conhecimento é fundamental para o jornalista que pretende cobrir basquete e esportes de menor visibilidade. Não apenas conhecimento jornalístico, mas conhecimento do jogo, das regras, dos jogadores, é importantíssimo saber o que acontece dentro da quadra para poder passar aos leitores, que normalmente não são profundos conhecedores, o que de fato acontece.

Uma característica que Paulo Vinicius Coelho detectou nos jornalistas destes esportes menores é a de que, quem escreve sobre basquete, por exemplo, também escreve sobre outras modalidades. (2004, p. 36). É raro ver jornalistas especializados somente em basquete, ou vôlei, ou handebol. Ao contrário do que acontece no futebol, onde o profissional fica focado apenas naquele esporte. E esta é uma boa opção para o jornalista, que sabe se virar falando dos mais variados esportes, não apenas um específico.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes.

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô, etc. O que explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso. (COELHO, 2004).

Com a guinada do vôlei em termos de estrutura e resultados internacionais, o basquete deixou de ser o segundo esporte do brasileiro, e isso se refletiu nos programas esportivos, nas páginas dos cadernos de esporte e também nos profissionais da área. A coluna de basquete da Folha, por exemplo, foi extinta depois da saída de Melchíades Filho. Cada vez menos vemos casos como o de Rodrigo Alves, que é jornalista especializado em basquete do site Globo.com e comenta partidas no canal SporTV.

A sobrevivência destes profissionais e do esporte em si no Brasil depende de resultados, de organização por parte da Confederação Brasileira de Basquete e, principalmente, profissionalismo de todos aqueles envolvidos com o basquetebol nacional.

4. Análise: cobertura do Mundial Masculino de Basquete feita pelo Correio Braziliense

4.1 – A competição

4.1.1 – Apresentação do Mundial

Assim como no futebol, o Mundial de basquetebol, tanto masculino como feminino, é disputado de quatro em quatro anos em sedes diferentes. A responsável pela organização do torneio é a FIBA (Federação Internacional de Basquetebol), que foi fundada no dia 18 de junho do ano de 1932 por Argentina, Tchecoslováquia, Grécia, Itália, Lituânia, Portugal, Romênia e Suíça. Atualmente, a sede da federação se encontra em Munique, na Alemanha. (FIBA, 2006).

O primeiro torneio Mundial foi realizado em 1950, em Buenos Aires, capital da Argentina. Os campeões acabaram sendo os próprios dono da casa, seguidos de Estados Unidos e Chile. (FIBA, 2006).

De 1950 até hoje, o Brasil já foi sede de dois Mundiais masculinos (1954 e 1963) e quatro femininos (1957, 1971, 1983 e 2006). O único título brasileiro no feminino veio em 1994, em torneio disputado na Austrália. (CBB, 2006). Na época, a seleção feminina era liderada por Hortência e Paula, que hoje têm seus nomes gravados no Hall da Fama do Basquetebol.

Já os homens são bicampeões mundiais, títulos conquistados nos anos de 1959 e 1963.

Em 2006, o campeonato masculino foi disputado no Japão, entre os dias 19 de agosto e 3 de setembro. Participaram do torneio 24 equipes de todo o mundo. A seleção campeã foi a Espanha, que derrotou a Grécia na final. Em terceiro lugar ficaram os Estados Unidos. A seleção brasileira teve a pior participação da história na competição. Ficou apenas em 17º lugar, dividindo a posição com Líbano, Japão e Porto Rico.

4.2 – Análise quantitativa do material publicado

4.2.1 – Números da cobertura

Durante os 17 dias de cobertura analisados, a capa do caderno de esportes teve apenas três chamadas para as matérias relacionadas ao campeonato mundial de basquetebol. Duas envolviam a seleção brasileira e uma a norte-americana. No total, foram nove matérias sobre o Mundial, além de uma sobre a seleção feminina e outra sobre basquete brasiliense. O voleibol, com a seleção masculina disputando a Liga Mundial na época, teve o mesmo número de chamadas de capa: três.

A prova de que o vôlei realmente assumiu o posto de segundo esporte brasileiro aparece quando olhamos para as matérias de capa do caderno de esportes. Apenas o vôlei tirou o futebol da capa, e foram apenas duas vezes. As outras 15 edições tiveram o futebol como assunto principal. O basquete, mesmo com o Mundial em disputa, não apareceu na matéria principal da capa do caderno uma vez sequer.

Tabela relacionando os números das publicações envolvendo o futebol, o vôlei e o basquete no período de 18 de agosto a 3 de setembro:

	Total de matérias publicadas	Chamadas na capa do caderno de esportes	Matérias na capa do caderno de esportes
Basquetebol	11	4	0
Futebol	117	4	15
Vôlei	16	3	2

4.2.2 – Domínio do futebol

É fato que o esporte número um do Brasil é o futebol, tanto na mídia quanto entre os torcedores. Mesmo com competições importantes de outras

modalidades acontecendo, o futebol continua sendo o principal atrativo para a maioria da população.

Como disse o jornalista Paulo Coelho, “em 1925, o futebol já era o esporte nacional. O Brasil havia sido bicampeão sul-americano em 1919 e, em 1922, faltavam apenas cinco anos para o início da primeira Copa do Mundo” (2004). Assim, o futebol tomou conta do país desde muito cedo, antes mesmo de outros esportes se tornarem conhecidos pelo povo.

Em conseqüência deste domínio, a imprensa esportiva, mesmo desacreditando o sucesso do esporte a longo prazo, acabou se rendendo ao futebol. Prova disto é esta análise feita sobre a cobertura do Mundial de Basquete. Por se tratar de um jornal de Brasília, onde o futebol passou a apresentar times competitivos recentemente e ambos se encontrarem na segunda divisão (Gama e Brasiliense), o futebol, teoricamente, não teria tanto espaço quanto em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, que possuem várias equipes tradicionais.

Outro ponto que nos leva a crer que o basquete poderia ter mais espaço é o iminente sucesso da equipe da cidade, o Universo/BRB, que apesar das trapalhadas da CBB, têm conseguido bons resultados nos campeonatos. Ainda assim, o futebol prevalece no Correio Braziliense e em todos os outros jornais da cidade, comprovando por que é chamado de paixão nacional.

4.2.3 – Detalhamento das matérias publicadas

A cobertura do Correio teve início um dia antes do Mundial começar. A primeira matéria saiu no dia 18 de agosto e teve uma pequena chamada na capa da página de esportes, com uma foto do jogador brasileiro Anderson Varejão. O foco desta primeira notícia foi o que se viu nas páginas do jornal durante toda a competição: Brasil e Estados Unidos. Além de seguir de perto os passos da seleção nacional, o Correio também deu bastante destaque para os norte-americanos, eternos favoritos em qualquer competição de basquetebol.

A última página do caderno de esportes do dia 18 foi toda dedicada ao Mundial. Além do texto, foram apresentados todos os grupos da competição, data e

horário de todas as partidas até a final e um box com informações sobre os jogadores do Brasil. A ilustração teve uma foto grande, dos brasileiros Anderson Varejão e Leandro. Leandrinho.

Em razão do fuso-horário, as matérias sobre as partidas saíram apenas um dia após a realização das partidas. Assim, no dia 20 de agosto, foi publicada a segunda matéria sobre a seleção. Derrotados na primeira partida, o jornal colocou o seguinte título: “Começo Assustador”. A matéria falou bastante dos erros da equipe brasileira e ainda citou a vitória norte-americana na estréia. Apesar de ocupar grande parte da penúltima página, o espaço foi dividido com uma publicação sobre triatlo.

Após a primeira vitória, o Correio Braziliense diminuiu o espaço para o basquete. A vitória da seleção foi divulgada na penúltima página, sem chamada na capa dos Esportes, e ficou abaixo do vôlei, que teve maior destaque na página. No dia 22 de agosto, o Mundial de basquetebol voltou a ser publicado na penúltima página do caderno, desta vez com maior destaque. A matéria consistia em uma prévia do que seria o jogo entre Brasil x Turquia.

Depois de mais uma derrota brasileira, o jornal voltou a estampar o basquete na última página dos Esportes, mais uma vez a página inteira. Cinco dias após o início da competição, o basquete teve sua segunda chamada de capa do caderno. No título “Nova ‘amarelada’”, já se percebia o tom da matéria, que falava de mais uma decepção da equipe no Mundial. O editor do caderno, Paulo Rossi, escreveu um pequeno artigo sob o título de “Geração perdida”, criticando os jogadores e a comissão técnica brasileira após mais um resultado negativo. Foi publicado também um box com a classificação da competição até o momento.

A terceira derrota brasileira no Mundial não teve o mesmo espaço da matéria anterior, mas foi a mais crítica e bem escrita pelo jornal até então. Com poucas chances de seguir na competição, o Correio falou da situação precária do basquete nacional, desde a administração da CBB até os maus resultados nas quadras.

As últimas grandes matérias envolvendo o campeonato Mundial da FIBA saíram nos dias 25 de agosto e 2 de setembro. Ambas ocuparam a última página inteira do caderno de esportes. A primeira falava sobre a eliminação do Brasil, em tom

de vexame. A foto dos jogadores cabisbaixos ilustrava toda a decepção contida no texto. Na parte de baixo, depoimento de ex-atletas como Hortência e Oscar, dos técnicos Miguel Ângelo da Luz e Hélio Rubens, e do jogador Pipoka. Todos criticando a participação brasileira na competição e a CBB pela má administração do esporte.

No dia 2 de setembro, um antes da final do torneio, mais uma vez a última página foi toda para o basquete. Houve inclusive uma chamada na capa do caderno. O assunto era a eliminação dos favoritos Estados Unidos e Argentina na semifinal do Mundial. A foto mostra os gregos comemorando a vitória sobre os norte-americanos. Ainda há um box apresentando a trajetória dos Estados Unidos desde 1992, tanto em mundiais como em olimpíadas, mostrando como a hegemonia deles no esporte foi sendo perdida.

Por último, no dia 3 de setembro, o Correio publicou uma nota, ocupando menos de meia página, falando pouquíssimo da final e da vitória dos Estados Unidos sobre a Argentina na disputa pelo terceiro lugar.

4.3 – Análise qualitativa do material

Apesar de poucas, as matérias do Correio sobre o Mundial de basquete foram bem escritas e não apresentaram erros de informação, que são comuns quando se escreve sobre o esporte no Brasil. O foco foi claramente a seleção brasileira e a norte-americana. Pouco se falou das duas finalistas, Grécia e Espanha, e nem mesmo da Argentina, outra que era favorita ao título.

Após a eliminação das duas “favoritas” do Correio, a cobertura diminuiu, o que acabou ofuscando a final do torneio, vencida pela Espanha. Como já foi citado anteriormente, a conquista do terceiro lugar dos Estados Unidos teve mais destaque do que a final em si. Mas isto era previsível, pois quando se trata de mídia, a seleção norte-americana, sem dúvidas, é a que chama mais a atenção. Super estrelas da NBA juntas em uma mesma equipe, a sensação é sempre de um novo *dream team*, como era conhecido o time na época de Michael Jordan. Mas há alguns anos os norte-americanos vêm decepcionando nos campeonatos. Não pelo fato do basquete deles ter

piorado, mas sim pela evolução dos demais países, principalmente os europeus e a Argentina.

Um dos pontos fortes da cobertura do Correio foi o artigo do editor José Cruz. Após a derrota do Brasil para a seleção turca, Cruz falou da ótima geração que o Brasil está desperdiçando por causa da má administração do basquete nacional. Ele faz um questionamento sobre o porquê das derrotas brasileiras, se o país possui jogadores talentosos nas maiores ligas do mundo. Ainda faz críticas à CBB e à comissão técnica brasileira, que são tão responsáveis quanto os jogadores pelos maus resultados apresentados nos últimos anos.

Por fim, vale destacar a presença de ex-jogadores como Pipoka e Hortência na matéria após a eliminação do Brasil. Sem medo de criticar dirigentes e CBB, os dois falaram o que realmente acham da situação do esporte no país, o que acrescentou bastante ao texto publicado pelo Correio.

Apesar do pouco espaço destinado ao Mundial, o Correio utilizou seu poder na mídia brasiliense para divulgar, mesmo que de maneira rápida, o que aconteceu com as seleções mais visadas pela maioria dos que se interessaram e acompanharam a cobertura realizada pelo jornal, fazendo assim um trabalho satisfatório dentro do que foi proposto.

5. CONCLUSÃO

As pesquisas e estudos viabilizados para realizar este trabalho levam à conclusão que o basquete é um esporte reconhecidamente de massa e pode ter um espaço maior e mais relevante na mídia brasileira. É possível, com inteligência e profissionalismo, elevar o basquete a um papel de mais destaque dentro do esporte nacional. Porém, para que isto seja possível, é preciso que as pessoas diretamente ligadas ao esporte demonstrem vontade e interesse de realizar tal processo.

Apesar da hegemonia do futebol no jornalismo esportivo brasileiro, podemos perceber que o domínio não é total. Como é citado no trabalho, o voleibol é um exemplo de administração e profissionalismo que deve ser seguido por outros esportes. Atualmente, o Brasil é a principal força na modalidade, tanto no masculino quanto no feminino, e isso traz reflexos positivos na mídia, que acaba reconhecendo o trabalho bem feito e concedendo o espaço merecido.

Nas esferas sociais e educacionais, pudemos perceber que não existe um trabalho específico, assim como nas categorias de base do basquete, cada vez mais sucateadas, que acabam refletindo na péssima situação do basquete profissional. Não existe muito otimismo entre os especialistas no assunto e no esporte, o ideal seria um plano a longo prazo para estruturar uma base sólida, e por consequência, a parte profissional do basquete.

No geral, o trabalho permite concluir que o basquetebol possui as ferramentas para ser grande, tanto nas quadras quanto nas escolas e universidades, mas as pessoas que estão com estas ferramentas nas mãos não possuem a capacidade necessária para manejá-las, o que acaba fazendo com que o esporte viva um momento de profunda crise no Brasil. Neste sentido, o papel do jornalismo é importantíssimo, para alertar e criticar o que precisa ser feito para melhorar as condições do esporte nacional.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Rodrigo. **[Entrevista monografia II]**. (realizada em setembro de 2006).

BALASSIANO, Fábio. **[Entrevista monografia I]**. (realizada em agosto de 2006).

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CONFEDERAÇÃO Brasileira de Basquete. Disponível em: <http://www.cbb.com.br>

COUTINHO, Nilton Ferreira. **Basquetebol na Escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

CRUZ, José. **Os esportes da política**. In: VILAS BOAS, Sérgio. **Formação e Informação esportiva – Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

FIBA – Federação Internacional de Basquetebol. Disponível em: <http://www.fiba.com>

FILHO, Melchíades. **[Entrevista monografia III]**. (realizada em outubro de 2006).

OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. **O processo de desenvolvimento do talento: um estudo no basquetebol**. 2003. Disponível em:
<http://www.databasket.com/artigos_cientificos/valdomiro_unicamp.asp>

SCHMIDT, Oscar. **Entrevista**. Disponível em:
<http://www.databasket.com/ler_materia.asp?codigo_materia=8308>. Acesso em: 14 set. 2006.

TUBINO, Manuel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

7. Anexos

7.1 – Anexo A

Entrevista – Monografia I / Fábio Balassiano – Jornalista

1 – O basquete no Brasil está passando por uma crise muito séria. O Nacional está na justiça até hoje, a seleção foi eliminada na primeira fase do Mundial, os jogadores estão cada vez mais migrando para a Europa. Qual seria a solução a curto prazo para o basquete nacional?

Em curto prazo, o que não significa que isso resolva integralmente os problemas do basquete, o desenvolvimento da modalidade passa pela obtenção de bons resultados internacionais, principalmente no masculino. A não classificação para as olimpíadas de Sidney e Atenas, o péssimo desempenho nos três últimos Mundiais e as freqüentes derrotas para a Argentina (maiores rivais, e até pouco tempo atrás “fregueses”) espantam todos os possíveis patrocinadores do esporte e, conseqüentemente, o público de suas quadras, ginásios e dos televisores.

2 – Se os profissionais sofrem no Brasil, o que dizer das categorias de base. Recentemente o país perdeu uma jovem promessa que preferiu se naturalizar grego. Você acha que os problemas de base refletem no basquete profissional ou é ao contrário?

É evidente que um circuito de base sucateado traz malefícios ao basquete profissional brasileiro. Não somente pela perda de valores como o Adonis, mas também pela má formação técnico, tática e psicológica de alguns valores que atualmente vestem a camisa da seleção brasileira – que deveria ser a nata, a essência técnica do país. Podemos citar o exemplo do Nezinho, sem desmerecer o atleta, mas sim procurando entender as causas que o levam a atuar da maneira errática em quadras mundiais. O armador jamais foi instruído a marcar sem os braços, a distribuir passes em profusão no ataque, a se deslocar para a lateral após a condução de bola, entre outras lições. A culpa é sua (dele)? Não vejo assim. O péssimo trabalho feito nas divisões de base mina a capacidade produtora de talentos sim, mas não pode ser visto como desculpa para a não formação digna daqueles que ainda assim lutam e optam pela modalidade. Na verdade é um círculo vicioso. As divisões de base passam por problemas, formam mal os atletas, que chegam às divisões de cima com problemas estruturais que não são corrigidos nem administrados pelos seus respectivos treinadores. Como a

Confederação não possui um corpo diretivo técnico, que seria capaz de resolver a estas questões básicas, fica um tanto quanto difícil a resolução deste e de outros problemas mais graves.

3 – Nos EUA, os jovens jogam desde o ensino médio, no país todo. Você acredita que é possível inserir um programa do tipo no nosso país?

Não acredito, sinceramente, em um projeto de massificação esportiva no Brasil. Sempre citamos o exemplo americano, o cubano, agora pode-se falar do espanhol, que alcança um sucesso incrível, mas tudo isso passa pela vontade política dos governantes e pela iniciativa de nossas confederações e da população de um modo geral. Como nenhum dos casos ocorre, a situação do esporte brasileiro tende a ficar na mesma. Vivendo de expoentes esporádicos, como o Gustavo Kuerten no tênis, a Daiane na ginástica, o Leandrinho e o Nenê no basquete e por aí vai. Isto porque a famosa tríade educação-esporte-saúde jamais saiu do papel no Brasil. Copiar o modelo americano seria o mais sensato, porém o mais utópico.

4 – E em relação às faculdades? A NCAA tem uma força incrível nos EUA, o Brasil pode vir a ter uma estrutura parecida na sua opinião? Seria essa a “salvação” para o basquete brasileiro?

A salvação do basquete brasileiro, insisto, começa pela obtenção de resultados fortes internacionalmente, pelo fortalecimento de uma liga gerida pelos clubes e por um circuito de base alicerçado pela CBB. A idéia de uma Liga Universitária no Brasil não cola por motivos econômicos e sociais. São poucos os jovens que chegam à universidade com possibilidade de esperar um, dois anos para começarem a ganhar os seus salários. Agora imagine: um atleta de basquete, humilde, preferiria atuar por um clube, recebendo mensalmente, ou jogar por alguma universidade e assistir a aulas em uma sala? Nessas horas, o que é compreensível, o bolso fala mais alto. O modelo da NCAA é sensacional, brilhante, mas passa por toda uma conscientização político, econômica e social dos Estados Unidos.

5 – Alguns brasileiros conseguem bolsas nos EUA para estudar e representar faculdades jogando basquete. No Brasil nem sonhamos com tal possibilidade, nem o futebol, que é o esporte nacional, proporciona tal oportunidade para os jovens brasileiros. Qual seria a importância tanto para o esporte quanto para os jovens ter um sistema forte como este?

Acho que está razoavelmente respondido acima, não? Mas entendo a sua indignação, que compartilho também. Mas infelizmente, dada a conjuntura do esporte e do próprio país em que vivemos, os atletas do basquete, e do esporte brasileiro em geral, não podem se “dar ao luxo” de abdicar de um salário e de condições profissionais para se “aventurarem” em um circuito universitário que inexistente no país.

6 – Para você, qual é a importância desta aliança entre esporte e educação que o sistema norte-americano de faculdades proporciona? O basquete cumpre bem este papel de “educador”?

Esporte e educação, em sua essência, estão intrinsecamente ligados. A importância pode ser medida pelo número de atletas que jogam no circuito universitário, não passam para a NBA ou circuito europeu e não caem na marginalidade/ociosidade. Mal ou bem, eles possuem um canudo universitário, vivência nos bancos escolares, passaram por inúmeras peneiras e aprenderam lições importantes, como viver em grupo, competir, respeitar o próximo e etc. Isso os ajuda a buscar uma colocação no mercado, os ajuda a ter uma vida digna. Inúmeros exemplos podem ser citados. Um conhecido estudou em Michigan e possuía um amigo no time da universidade. Ele não vingou no basquete, mas se formou em turismo e hoje trabalha em uma agência. Creio que não só o basquete mas todos os esportes norte-americanos cumprem magistralmente estas funções de educar e de transformar a sociedade em algo menos ruim, mesmo que seja da maneira deles.

7 – Outra questão valorizada pelos norte-americanos é a educação. Os que saem da NCAA para a NBA saem formados, prontos para exercer alguma profissão caso o basquete não dê certo. No Brasil falta esta preocupação na formação acadêmica dos atletas?

No Brasil não há formação acadêmica necessária e exigida para jogadores de basquete, mas isso, como disse acima, é reflexo da situação do país, econômica, política e social. Pode até haver esta preocupação que você diz por parte dos dirigentes e dos atletas, mas os títulos ainda valem mais do que a boa formação pessoal.

8 – Em relação ao basquetebol, a imprensa brasileira deixa a desejar em relação aos profissionais da área?

A imprensa reflete exatamente o que é o esporte, seja ele qual for. Se temos um esporte mal gerido, em geral a imprensa também o é, nesta área. Se os técnicos brasileiros não estudam, a imprensa, em geral, não estuda também. Não há muita fundamentação para criticar, não há base teórica para buscar uma explicação, e isso até os jogadores dizem, o que é plausível.

9 – A má fase do basquete brasileiro reflete na falta de espaço que o esporte encontra nos veículos de comunicação?

Um esporte só garante espaço nos meios de comunicação, seja ele de massa ou não, quando atinge resultados. O vôlei, exemplo de estouro em se tratando de modalidade “olímpica”, é o maior caso. São duas medalhas de ouro no masculino em 15 anos, outras tantas de bronze no feminino, alguns mundiais, dezenas de Ligas. São conquistas e, gradualmente, o espaço da modalidade foi aumentando. Não há como exigir uma página de jornal com a atual situação do basquete brasileiro. Infelizmente.

10 – O domínio do futebol na mídia é enorme, mas os outros esportes acabam tendo algum destaque. Um exemplo é o vôlei, que tem tido sucesso nas competições e conseguido destaque maior. Com a atual situação do basquete, a tendência é perder cada vez mais o espaço que já é pequeno?

A tendência de um esporte que não conquista resultados internacionais é sumir, vide o Remo, modalidade que era uma das maiores paixões brasileiras na década de 40 e 50, e que hoje quase inexistente nos meios de comunicação. O tênis mesmo, após o fenômeno Guga, é limitado a notinhas de rodapé, a não ser nos escândalos de administração.

11 – E a NBA, maior liga profissional do mundo, onde estão os melhores jogadores, deveria ter mais espaço na grande mídia brasileira na sua opinião?

O espaço é proporcional à qualidade dos desempenhos internacionais dos últimos anos, da falta de ídolos, da falta de administração clara e correta, de todas as mazelas pelas quais o basquete passou recentemente. Mantenho a minha opinião, apesar de ser um dos maiores fanáticos do basquete norte-americano. Quando a Rede TV! Transmitia os jogos, aos sábados, a audiência era menor que um ponto. Isso significa que a modalidade não é bem quista pela população. O vôlei, até bem pouco tempo, era assim, mas inverteu a situação. A saída é uma só: resultados internacionais.

7.2 – Anexo B

Entrevista – Monografia II / Rodrigo Alves – jornalista esportivo

1 - O basquete no Brasil está passando por uma crise muito séria. O Nacional está na justiça até hoje, a seleção foi eliminada na primeira fase do Mundial, os jogadores estão cada vez mais migrando para a Europa. Qual seria a solução a curto prazo para o basquete nacional?

Não há solução a curto prazo. O Brasil pode até conquistar torneios no futuro próximo por causa do talento individual, mas isso não significaria o fim da crise. A solução passa por uma ampla reforma no modo como o basquete é administrado no país, e isso leva tempo. O problema maior, no entanto, é que ainda não demos nem o primeiro passo. Por conta de uma gestão atrasada, o basquete continua estagnado. Não há nenhuma sinalização de diálogo entre a CBB e a oposição. Só vamos dar o primeiro passo quando chegarmos, no mínimo, ao estágio do diálogo.

2 - Se os profissionais sofrem no Brasil, o que dizer das categorias de base. Recentemente o país perdeu uma jovem promessa que preferiu se naturalizar grego. Você acha que os problemas de base refletem no basquete profissional ou é ao contrário?

As duas coisas. O investimento na base é quase zero, tanto nas federações quanto nos clubes. Com isso, a renovação só acontece porque os jogadores saem ainda jovens para jogar no exterior. Veja o caso do Tiago Splitter, nosso melhor atleta no Mundial. O Brasil não tem nenhum mérito na formação desse garoto. Ele foi para a Espanha com 15 anos, aprendeu tudo lá. Cria-se, então, uma bola de neve: sem bons valores na base, os campeonatos ficam enfraquecidos e a renovação nas seleções fica mais difícil. Com campeonatos mais fracos e seleções capengas, cai o interesse, cai a receita, investe-se menos na base. É um ciclo nocivo que precisa ser interrompido o quanto antes.

3 - Nos EUA, os jovens jogam desde o ensino médio, no país todo. Você acredita que é possível inserir um programa do tipo no nosso país?

Claro que é possível. Está aí o exemplo da Espanha, que inseriu o basquete em 12 mil escolas. A garotada já cresce aprendendo o esporte. O resultado, a longo prazo, é este que estamos

vendo: campeonato nacional fortíssimo, seleção campeã mundial. Para isso, contudo, é preciso criar uma política federal para o esporte, coisa que infelizmente não existe no Brasil.

4 - E em relação às faculdades? A NCAA tem uma força incrível nos EUA, o Brasil pode vir a ter uma estrutura parecida na sua opinião? Seria essa a "salvação" para o basquete brasileiro?

A situação é muito parecida com a do ensino médio. É possível fazer, e seria uma saída genial, mas é preciso haver um esforço conjunto, do qual estamos muito longe. O ensino superior no Brasil tem sérios problemas estruturais. As universidades públicas amargam inúmeros problemas de verbas, e as particulares partem cada vez mais para uma filosofia apenas mercadológica, como se fossem cadeias de fast food. Ainda assim, temos os Jogos Olímpicos Universitários. A última edição aconteceu em julho, em Brasília, com diversas modalidades, entre elas o basquete, com direito a duas divisões, tanto no masculino como no feminino.

5 - Alguns brasileiros conseguem bolsas nos EUA para estudar e representar faculdades jogando basquete. No Brasil nem sonhamos com tal possibilidade, nem o futebol, que é o esporte nacional, proporciona tal oportunidade para os jovens brasileiros. Qual seria a importância tanto para o esporte quanto para os jovens ter um sistema forte como este?

6 - Para você, qual é a importância desta aliança entre esporte e educação que o sistema norte-americano de faculdades proporciona? O basquete cumpre bem este papel de "educador"?

7 - Outra questão valorizada pelos norte-americanos é a educação. Os que saem da NCAA para a NBA saem formados, prontos para exercer alguma profissão caso o basquete não dê certo. No Brasil falta esta preocupação na formação acadêmica dos atletas?

Essas três perguntas podem ser respondidas de uma só vez. O modelo americano de basquete universitário é um exemplo a ser seguido, sem dúvida. A liga é fortíssima do ponto de vista esportivo, e a maior parte dos atletas ainda se beneficia com uma formação em nível superior. A aliança entre esporte e educação é uma saída perfeita para os dois lados: através da educação, você aproxima crianças e jovens do esporte, formando gerações em várias modalidades. E através do esporte, você atrai crianças e jovens para a educação, tira adolescentes das ruas e contribui para a cidadania. Mas aí voltamos à importância da criação de uma política federal séria e abrangente para o esporte. Quando eu me refiro a uma política federal, não é apenas espalhar quadras pelo país. É integrar esporte e escola, inserir a atividade física na formação das crianças. Aí está o exemplo dos espanhóis e dos americanos, que fazem isso muito bem.

8 - Em relação ao basquetebol, a imprensa brasileira deixa a desejar em relação aos profissionais da área?

9 - A má fase do basquete brasileiro reflete na falta de espaço que o esporte encontra nos veículos de comunicação?

10 - O domínio do futebol na mídia é enorme, mas os outros esportes acabam tendo algum destaque. Um exemplo é o vôlei, que tem tido sucesso nas competições e conseguido destaque maior. Com a atual situação do basquete, a tendência é perder cada vez mais o espaço que já é pequeno?

Essas três questões também giram em torno do mesmo tema. Vamos a ele. É claro que eu gostaria de ver páginas e mais páginas sobre basquete nos jornais, programas e mais programas no rádio, jogos e mais jogos na TV. Mas, sinceramente, acho que a gestão do esporte tem mais culpa do que a própria mídia. Na minha opinião, a coisa acontece na seguinte seqüência lógica:

- O basquete é mal administrado no Brasil, os campeonatos regionais são fracos, a seleção não consegue resultados. O masculino não foi às duas últimas Olimpíadas e o feminino, que vive beliscando pódios, não tem uma geração com o carisma necessário para atrair público.

- Se a seleção não vai à Olimpíada (não basta ir, tem que render bem), o basquete não chega à TV aberta. Veja o caso do vôlei, que ganha tudo e está sempre na tela da Globo. Até a TV a cabo, que transmite os campeonatos regionais de basquete, tem dificuldades para manter os patrocinadores por causa de vexames como o do último Nacional, que não terminou e foi parar na Justiça.

- Sem a presença constante do basquete na TV, é impossível massificar o esporte. Sem a seleção fazendo bonito na tela, não se cria torcida, não se cria público, como aconteceu no vôlei.

- Sem público, o basquete não consegue penetrar na filosofia da mídia, que trabalha por demanda, por audiência (tanto na TV, como no rádio, como nos jornais).

- Um editor de jornal sabe que a maioria absoluta do seu público quer ler sobre futebol. No pouco espaço guardado para os outros esportes, o basquete foi ultrapassado pelo vôlei, pelo tênis, pelo automobilismo, pela ginástica. A parcela de pessoas interessadas no basquete hoje é muito pequena, então não podemos condenar os jornais que dão pouco espaço a este assunto.

- Diante disso, volto à pergunta 8: se o basquete não é prioridade na imprensa, é natural e compreensível que não tenhamos muitos profissionais especializados. Para que investir num jornalista especializado em basquete se ele vai ter, no dia-a-dia, um máximo de duas ou três notinhas por semana? Sai mais barato para a empresa colocar um estagiário ou acumular as funções com o profissional que cobre outros esportes.

11 - E a NBA, maior liga profissional do mundo, onde estão os melhores jogadores, deveria ter mais espaço na grande mídia brasileira na sua opinião?

Seria ótimo que tivesse, mas a NBA também tem público restrito no Brasil. Se os brasileiros começarem a ocupar papéis de destaque nos Estados Unidos, pode ser que a mídia se veja forçada a abrir mais espaço. Mas para isso não basta o que Leandrinho e Nenê estão fazendo (que, aliás, já é digno de muitos elogios). Infelizmente, para ganhar espaço na marra, precisamos de algo muito maior. É preciso que tenhamos brasileiros com o mesmo peso de um Manu Ginóbili (melhor jogador da penúltima final), um Steve Nash (duas vezes MVP) ou um Dirk Nowitzki (um dos atletas mais versáteis do planeta). Enquanto não houver um apelo desse nível, as TVs não vão abrir espaço no horário nobre para agradar a um público restrito. E aí entra outra questão: a NBA cobra cada vez mais caro pelos direitos de transmissão. Até para passar clipes de melhores momentos é preciso desembolsar muito dinheiro. A lógica do mercado é cruel, mas é ela quem dita o dia-a-dia do esporte na mídia, não há como remar contra a maré.

7.3 - Anexo C

Entrevista – Monografia III / Melchíades Filho / Jornalista esportivo

1 - O basquete no Brasil está passando por uma crise muito séria. O Nacional está na justiça até hoje, a seleção foi eliminada na primeira fase do Mundial, os jogadores estão cada vez mais migrando para a Europa. Qual seria a solução a curto prazo para o basquete nacional?

Não há solução de curto prazo. Minhas três sugestões: 1) Campeonatos nacionais adultos independentes, organizados pelos clubes, mas vinculados obrigatoriamente a um circuito de base; 2) Troca imediata das comissões técnicas, contratação de técnicos exclusivos (meus nomes são Marcel no masculino e Bassul no feminino) e nomeação de um diretor de seleções (sugiro Paula ou Edvar Simões); 3) Abertura e auditoria de todas as contas da CBB e a consequente fiscalização pública do emprego do dinheiro público que a confederação arrecada.

2 - Se os profissionais sofrem no Brasil, o que dizer das categorias de base. Recentemente o país perdeu uma jovem promessa que preferiu se naturalizar grego. Você acha que os problemas de base refletem no basquete profissional ou é ao contrário?

Vale aqui a máxima do Tostines. O nível técnico do circuito profissional está capenga porque a base forma poucos talentos, e a base forma poucos talentos porque o circuito profissional está capenga e oferece poucas perspectivas. Por isso, uma vez que a situação é crítica, insisto em uma estratégia de ação "compartilhada". Não adianta meter só dinheiro na base nem acreditar que uma liga interclubes sozinha vá salvar a parada.

3 - Nos EUA, os jovens jogam desde o ensino médio, no país todo. Você acredita que é possível inserir um programa do tipo no nosso país?

Não creio. Antes de partir para torneios interescolares, é preciso recuperar a qualidade do ensino básico da rede pública. Sem falar que seria preciso gastar um bocado em infraestrutura (quadras). Ainda acho que o circuito comunitário (clubes, Sesc etc) seria um caminho mais viável e rápido para o esporte coletivo nacional.

4 - E em relação às faculdades? A NCAA tem uma força incrível nos EUA, o Brasil pode vir a ter uma estrutura parecida na sua opinião? Seria essa a 'salvação' para o basquete brasileiro?

Não. Um projeto como esse demandaria revolucionar a estrutura universitária do país. As faculdades públicas estão arruinadas, e as particulares só têm compromisso com a tesouraria. Lembre que nos EUA há uma grande ligação comunitária/urbana da faculdade com a cidade/Estado em que está o campus. No Brasil, essa relação inexistente.

5 - Alguns brasileiros conseguem bolsas nos EUA para estudar e representar faculdades jogando basquete. No Brasil nem sonhamos com tal possibilidade, nem o futebol, que é o esporte nacional, proporciona tal oportunidade para os jovens brasileiros. Qual seria a importância tanto para o esporte quanto para os jovens ter um sistema forte como este?

Embora a relação não seja tão automática assim, ter formação universitária significa estar mais capacitado a exercer a cidadania e a discutir/intervir na condução do próprio esporte.

6 - Para você, qual é a importância desta aliança entre esporte e educação que o sistema norte-americano de faculdades proporciona? O basquete cumpre bem este papel de 'educador'?

Do ponto de vista pedagógico, o circuito de basquete da NCAA há décadas está desmoralizado. Com as exceções que confirmam a regra, os programas não passam de uma máquina de moer carne (talentos) para agradar a comunidade e faturar horrores com ela.

7 - Outra questão valorizada pelos norte-americanos é a educação. Os que saem da NCAA para a NBA saem formados, prontos para exercer alguma profissão caso o basquete não dê certo. No Brasil falta esta preocupação na formação acadêmica dos atletas?

Não é verdade que os atletas que migram da NCAA para a NBA saiam formados. A grande maioria, pelo contrário, só vai tirar o canudo depois de encerrar a carreira profissional. No Brasil é difícil conciliar carreira e estudos, principalmente porque os times são de aluguel e os jogadores rodam como ciganos pelo país.

8 - Em relação ao basquetebol, a imprensa brasileira deixa a desejar em relação aos profissionais da área?

A imprensa reflete o descaso do torcedor brasileiro pelo basquete. Nesse sentido, é menos capacitada do que deveria ser. Mas, curiosamente, no Brasil há mais repórteres inquietos, estudiosos e bem informados do que treinadores com essas características. Infelizmente quase todos os profissionais do basquete nacional são preguiçosos, contentam-se em repetir treinos e sistemas de jogo trazidos para o país nos anos 70.

9 - A má fase do basquete brasileiro reflete na falta de espaço que o esporte encontra nos veículos de comunicação?

Sim. Parte da mídia faz negócio, mas toda a mídia vai onde as conquistas (a notícia) estão.

10 - O domínio do futebol na mídia é enorme, mas os outros esportes acabam tendo algum destaque. Um exemplo é o vôlei, que tem tido sucesso nas competições e conseguido destaque maior. Com a atual situação do basquete, a tendência é perder cada vez mais o espaço que já é pequeno?

Sim. A menos que a seleção (e a masculina, posto que vivemos em um país machista) consiga resultados expressivos no exterior, o que não parece factível no curto prazo.

11 - E a NBA, maior liga profissional do mundo, onde estão os melhores jogadores, deveria ter mais espaço na grande mídia brasileira na sua opinião?

As recentes façanhas do Leandrinho mereciam mais destaque do que tiveram. Mas, do ponto de vista noticioso, a liga norte-americana é decadente. Não exerce mais o fascínio da era do Dream Team. O declínio da seleção norte-americana é a prova disso.